

HOTEL RODOVIÁRIA:

FRAGMENTOS DE UMA ESCAVAÇÃO NO RASTRO DA MEMÓRIA

Camila Braz da **Silva**¹

In memoriam à Guido Jaco Hilgert

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaira como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaira. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Italo Calvino, *Cidades Invisíveis*, 1990: 14-15)

Introdução

Capital do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre no contexto das transformações urbanas têm uma relação de longa data com a rua Voluntários da Pátria - localizada no eixo centro-norte da urbe - principalmente quando se trata do desenvolvimento da metrópole a partir do século XIX associado ao distrito industrial. Em uma caminhada pela antiga Caminho Novo² ao passar pelo viaduto da Conceição em direção ao bairro Navegantes, encontramos-nos com uma cidade na qual os olhares sensíveis ainda são passíveis de serem afetados pelas reverberações do tempo. É na esquina da rua Ernesto Alves que minha atenção se prende ao me deparar com o Hotel Rodoviária.

Neste artigo, construo narrativas etnográficas sobre a trajetória social de seu Guido, dono do Hotel Rodoviária. Trago algumas das reflexões de meu Trabalho de Conclusão de Curso “Hotel Rodoviária: escavando imagens e memórias em um processo etnográfico” do bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2018. Durante esse processo, produzi com colegas

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: caamilabraaz@gmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-6938-1679>.

² Esse é o primeiro nome que a rua Voluntários da Pátria recebe. Antigamente, esse caminho fazia borda com o Lago Guaíba, lago que margeia toda cidade

inúmeras fotografias e, por isso, ao longo do texto utilizo uma série de composições com essas imagens. Conhecer seu Guido é também conhecer seu hotel, um não sobrevive sem o outro. E nas minúcias do cotidiano junto ao registro pelas imagens essa história se fez.

O ponto de partida do meu trabalho de campo foram as obras da Copa do Mundo FIFA 2014. Múltiplas narrativas reverberam (Bachelard, 1990) nesta escrita sobre esse fenômeno, atravessando o tempo e dando existência a outras histórias da urbe em seus processos de requalificação, contrapondo a história oficial. Dentro da vasta produção no campo acadêmico sobre o fenômeno da memória, filio-me às obras de Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Leroi-Gourhan³, já que utilizo a etnografia da duração (Eckert; Rocha, 2013a) para “mergulhar nas imagens do tempo que compõem os meandros da compreensão do fenômeno temporal” (Eckert; Rocha, 2000).

Por meio desse jogo entre a memória individual e a memória coletiva (Halbwachs, 1990) no contexto das sociedades complexas (Velho, 2003), os ritmos de destruição e criação imprimem suas marcas no espaço e no tempo, tornando a dimensão conflitiva (Simmel, 2004) fundamental para entender as dramáticas do campo social. O cotidiano das pessoas que habitaram e transitaram o espaço urbano sempre produziu outras formas de viver a cidade e de olhar para ela. Por fim, apresentarei, com a intenção de colocar outras camadas nesse texto (ou mesmo outras formas de narrar), a produção de crônicas fotográficas em mosaicos. Para isso, utilizei a fotoetnografia (Achutti, 1997) a fim de registrar visualmente as paisagens simbólicas e sensíveis que encontrei nesse percurso.

Caminhar é entrar na cidade: entre escavadeiras e vestígios de campo

Caminhos silenciosos cercavam meus passos por aquela rua. Conseguia nitidamente ouvir sapatos na terra arrasada arrastando pedregulhos. Levantava os olhos na linha do horizonte. Entulho, grandes tubulações, grandes buracos, camadas de terra, concreto, asfalto, tudo revirado, como se estivessem começando algo que ninguém retornou para terminar. Mas somente aos finais de semana. Quando passava do viaduto da Conceição, durante os cinco dias, intensamente em horário comercial, o barulho não dava trégua. Grandes máquinas cavando, operários em movimento, sinalizações com cones marcando lugares fechados para transitar. E as pessoas transitavam. Reinventavam o espaço enquanto eu, ainda tonta com o barulho, sentia que o sol durante a tarde fazia a pele queimar.

³ Menciono algumas obras desses autores como “A dialética da duração” de Gaston Bachelard (1988), “As estruturas antropológicas do imaginário” de Gilbert Durand (1989) e “Le Geste et la Parole” de Leroi-Gourhan (1964).

Dividindo comigo a calçada inexistente e um pedaço da rua esburacada, porém circulável, estavam moradores da região, passantes que faziam daquele seu caminho para onde quer que fossem, carroceiros malabaristas com seus carrinhos empilhados de coisas prestes a tombar.

Quando passava no viaduto pelo lado direito, reparava no que havia nas quadras seguintes e suas esquinas. Comecei a memorizar pontos importantes: primeiro um galpão de reciclagem, carrinhos que se alinhavam na frente em vagas bem delimitadas, um pequeno bar; seguindo, havia alguns prédios antigos com as grandes janelas fechadas de tijolos e cimento, outros servindo de moradia, uma grande oficina mecânica. Andava mais uma grande igreja, um pequeno restaurante, um antigo posto de gasolina desativado, um outro restaurante, outro bar, uma outra igreja, algumas pequenas oficinas, mais igreja, um hotel em cima de um bar, e um hotel bem antigo cuja fachada ocupava uma esquina inteira, um grande prédio branco com detalhes amarelos e escritos em verde e vermelho entre a rua Ernesto Alves e a rua Voluntários da Pátria. No letreiro: Hotel Rodoviária. (Diário de campo, 22 de maio de 2015)

Foi em maio de 2015 que, pela primeira vez, entrei com meus colegas de pesquisa no Hotel Rodoviária enquanto fazíamos etnografia de rua com a câmera na mão (Eckert; Rocha, 2013b). No intuito de experienciar a ambiência da cidade, nosso deslocamento foi conduzido pelas imagens fotográficas que fazíamos em campo enquanto dávamos nossos passos até aquele prédio. O trabalho desenvolvido foi um dos desdobramentos da oficina de produção audiovisual realizada durante o ano de 2015 que foi coordenada pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert no Banco de Efeitos e Imagens Visuais (Biev) e no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual).

Essa oficina fez parte do projeto “*Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia no Navisual*”⁴. Naquele momento, nosso objetivo era compreender a dinâmica dos processos culturais ligados às intervenções no corpo da cidade, às remoções de famílias, às modificações no aparelho urbano, aos aspectos gentrificantes e higienizadores, bem como à dimensão destrutiva/criativa das transformações que prosseguiram após a realização do megaevento. Por causa das obras da Copa do Mundo FIFA 2014, foi feita a duplicação da rua Voluntários da Pátria após a concretização do evento, o que deu continuidade ao processo de intervenção urbana que estava longe de ser finalizado.

A experiência dessa oficina etnográfica ecoou tanto em mim que, anos mais tarde, ao realizar meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, voltei para o

⁴ Um dos resultados da oficina pode ser encontrado no site da revista *Fotocronografias* disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/v-01-n-02-2016-itiner%C3%A2ncia-da-expografia-na-porto-alegre-da-copa-os-ritmos-de-constru%C3%A7%C3%A3o-b313d46ecfe9>. Acesso: 28 de maio de 2020.

hotel e para as transformações urbanas que foram narradas pelo personagem central de meu trabalho, Guido Jaco Hilgert, o dono do Hotel Rodoviária. No meu retorno, a rua já era outra: eu não podia mais ver as grandes obras e as interdições das vias, mas as minhas lembranças ainda constituíam esse lugar e me instigavam a saber sobre as tantas outras histórias dessa região.

Neste artigo, proponho para a leitora uma caminhada por essas histórias e fotografias que fizemos ao longo desse processo etnográfico. Minha intenção é criar uma narrativa para que possamos nos ater aos vestígios da memória nesse movimento.⁵

A trajetória social de um narrador na cidade

Quando o conheci, entendi que seu Guido era um narrador nato. Nos quarenta minutos gravados de nossa primeira entrevista, falamos sobre o que havia sido o hotel nos últimos cem anos de sua existência. Essa primeira conversa sobre o ramo hoteleiro da região ocorreu por causa da fatídica obra da Copa do Mundo FIFA 2014, fenômeno que foi “gatilho” de nosso encontro.

Em um discurso cheio de datas e alegações, Seu Guido evocou uma infinidade de memórias difusas em uma narrativa coerente com o presente da etnografia em que o hotel estava sofrendo todos os prejuízos que a obra estava causando. Percebi isso quando ele contou sobre suas sensações de medo e de insegurança que se constituíram ali pela presença de papeleiros e de usuários de drogas. Pouco tivemos que perguntar: Seu Guido mostrou sua perspectiva em relação às transformações nas paisagens nessa região da cidade, trazendo muitos fragmentos de memória sobre o hotel em relação ao tempo presente.

Natural de Harmonia, município que fica a 64 km da capital Porto Alegre, Seu Guido relatou que, antes de migrar para Porto Alegre, Harmonia possuía aproximadamente 400 famílias em sua cidade natal, uma colônia que ele descreveu como “cem por cento católica”. Nessa conversa, ele falou que sua família foi criticada pela Igreja, já que seus pais tiveram poucos filhos (Guido é o irmão mais novo de três filhos).

⁵ Compartilho a autoria das imagens com meu colega na época e doutor em antropologia social Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha. A autoria de cada imagem está no final do artigo.

Todos estudavam fora da cidade. Seu primeiro colégio foi o São Luís, em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. Aos 14 anos, Guido foi para o Ginásio Irmãos Maristas (também em São Leopoldo) e depois foi para o Colégio Rosário em Porto Alegre no qual fazia curso técnico e trabalhava na secretaria.

Meus pais só tiveram três filhos, e na época não era bem visto pela igreja, na época o comum era ter sete, oito, nove filhos. O pai do meu pai teve 22 filhos e o pai da minha mãe teve 18... para o cônego da colônia, quem ia estudar na cidade perdia os princípios religiosos... Para conseguir estudar, muita gente virava seminarista, mas eu não acreditava nisso, pois era uma violência ao espírito de liberdade... (Entrevista com Guido, 01 de nov. de 2017)

O pai de Seu Guido era comerciante. Tinha um restaurante e uma pousada em Harmonia onde os visitantes se hospedavam nos quartos que existiam em cima do local de refeições. Sua mãe fabricava pastéis e sanduíches para vender.

Meu pai fez um prédio por volta de 1956. Era um salão de baile, e só podia fazer de domingo, por causa da Igreja. Mas meu pai começou a fazer sábado, pois tinha mais gente, e o padre fez um sermão na igreja proibindo os colonos de irem ao baile, depois o baile faliu... Por volta de 1966, fundei com amigos a Sociedade Beneficente e Cultural Harmonia, que teve a comemoração de 50 anos no ano passado, compramos o prédio do salão de baile que era do meu pai para ser a sede... (Entrevista com Guido, 01 de nov. de 2017)

Guido também falou que ajudou a fundar, ainda em Harmonia, a Associação de Citricultores, uma cooperativa de sucos e geleias, mas ressaltou: “com a política no meio, não deu muito certo”. A cooperativa ainda hoje faz empréstimos de equipamentos agrícolas.

Depois que terminei o colégio, saí do Rosário e fui fazer faculdade de economia na PUC, fiz dois anos, interrompi durante três anos por causa da ditadura. Eu era estudante contra a ditadura, hoje eu seria menos contra, hoje já penso que não há outra saída se não for uma ditadura. Por quê? Por causa da marginalidade. Não tem liberdade e democracia que corrija isso!... Nesse tempo fui vendedor, trabalhei no Moinho Germani (7 de abril), vendedor outra vez. Terminei a economia e fiz estágios em dois quartéis (CPOR). Depois fui gerente do City Hotel, que ficava em frente ao Condomínio União, por três anos, nos anos 1970... Fui gerente do Hotel Embaixador um ano e meio e depois gerente de uma firma comercial que vendia equipamentos e sementes... Em 76/77 comprei um restaurante na Júlio de Castilhos, embaixo do Hotel Erechim... o Hotel Erechim é da família Zaffari. Na época desaconselhei Dona Laura Zaffari a construir um Hotel Luxuoso onde é o Hotel Continental... (Entrevista com Guido, 01 de nov. de 2017)

Com relação aos hotéis em que Guido trabalhou, conversamos sobre os tamanhos dos estabelecimentos, as quantidades de quartos, o quadro de funcionários. Ele, com muita vivacidade, me trouxe números:

Hotel Rodoviária: Fragmentos de uma Escavação no Rastro da Memória

“No City Hotel, trabalhava de gerente dos Kessler, donos da arroeira de todo o Rio Grande do Sul, tinha 150 apartamentos e 175 funcionários que eu cuidava. Hoje, o hotel não passa de 60 funcionários...” (Entrevista com Guido, 01 de nov. de 2017)

Em seguida, Seu Guido vendeu o restaurante e alugou “uma chavezinha da parte de cima” de um prédio onde começou seu pequeno hotel. Na parte de baixo do edifício, criou a churrascaria *Rodoferroviária* que, mais tarde, foi fechada e transformada em hotel também. Sobre Harmonia, sua cidade natal, Guido aponta: “Depois que comprei o Hotel, fui menos pra lá”.

Em Porto Alegre junto de outros trabalhadores do ramo hoteleiro, Seu Guido participou do SINDHA (Sindicato de Hospedagem e Alimentação de Porto Alegre e Região) que completou 75 anos em 2020. Como ele mesmo ressaltou, os hotéis foram incluídos posteriormente ao sindicato. Nos últimos anos de sua atuação, ajudou a fundar a Associação de Empreendedores da Área da Rodoviária.

Seu Guido



O narrador da cidade

A narrativa de Guido sobre sua trajetória de vida me mostrou como *projetos individuais* estão vinculados a contextos socioculturais muito específicos (Velho, 2008). Vejo que há um *campo de possibilidades* bem definido nesse contexto que está intimamente relacionado à sociedade complexa da qual a cidade de Porto Alegre faz parte.

Na vida de Seu Guido, a possibilidade e a necessidade dos estudos e do trabalho o trouxeram, nos anos 1960, para a capital gaúcha, uma cidade que crescia rapidamente e que passava constantemente por processos de urbanização e reurbanização. Percebi que a história de sua família se assemelha com muitas histórias de famílias que moravam em pequenas cidades de colonização alemã (como a cidade de Harmonia) em que os filhos ou os “filhos dos filhos” dos “colonos” vieram para Porto Alegre almejando melhores possibilidades de estudos e trabalho.

Nessa etnografia da duração, vejo a vida na urbe descrita por narrativas de sujeitos-personagens como Guido, já que sigo a dialética bachelardiana (1988) que superpõe os tempos pensados e vividos a partir de fragmentos da memória (Eckert; Rocha, 2013a). Isso me fez reconhecer que, ao narrar a si mesmo em uma multiplicidade temporal, identificando-se e se reconstituindo ao recontar sua trajetória social, meu interlocutor também narrou a cidade em seus ritmos temporais - isto é, em suas transformações urbanas ritmadas através do tempo. Por isso, falarei sobre a rua do hotel na próxima seção.

A rua Voluntários da Pátria

Esta é uma das principais ruas de entrada e saída da cidade de Porto Alegre. A Voluntários da Pátria se localiza nas regiões territoriais do Centro e da Zona Norte, possuindo mais de cinco quilômetros de extensão. Cinco bairros por ela são atravessados. Durante seu percurso, é possível observar diferentes dinâmicas e peculiaridades em cada trecho, mas minha etnografia se limitou a um trecho bem específico que começa depois do viaduto da Conceição e vai até a rua Ramiro Barcelos.

Ressalto à leitora que esse pedaço específico da cidade conformou uma unidade distinta nos processos de ocupação do território e teve, em suas marcas, características urbano-industriais. Sua abertura no século XIX deu acesso à Vila de Porto Alegre para as quintas⁶. Esse trajeto pela margem do Lago Guaíba recebeu o nome de “Caminho Novo”, um caminho que era relatado por muitos viajantes como um local que possuía uma paisagem exuberante. Assim narra Saint-Hilaire sobre a relação da rua com o lago Guaíba:

Estende-se ao norte da cidade, margeando primeiramente o lago, em seguida, o Rio Gravataí, afluente deste lago; de um lado o caminho é limitado por uma filerqueira de salgueiros; de outro por casas de campo e jardins cercados de sensitivas espinhosas... Raramente se encontra passeio mais agradável que o do Caminho Novo. (Auguste Saint-Hilaire, Viagem ao Rio Grande do Sul, 1987: 31)

O caminho foi oficialmente batizado como rua Voluntários da Pátria em 1870. No mesmo ano, a Câmara providenciou calçamento até a rua do Rosário, pois eram constantes as reclamações contra “os grandes pantanais e atoleiros” formados em

⁶ As quintas eram uma comum nomenclatura para se referir às propriedades rurais próximas da Vila de Porto Alegre.

período de chuvas devido à intensa utilização pelas carretas que se dirigiam ao Mercado.⁷ A rua plana na parte baixa da cidade era de extrema importância porque facilitava a locomoção entre os arraiais, principalmente para o comércio.

Com a implementação da ferrovia São Leopoldo⁸ que atravessou a Voluntários, as margens do lago deram lugar para o estabelecimento de trapiches, depósitos, estaleiros e oficinas, armazéns de atacado e indústrias. Isso gerou uma grande movimentação comercial. Com o crescente desenvolvimento industrial da cidade (Mattar, 2001) e com a construção do novo cais do porto nos anos de 1950, a rua Voluntários se modificara consideravelmente, causando grandes mudanças em suas dinâmicas de circulação. Ainda assim, seguiu sendo caminho para quem chegava e partia, principalmente para os trabalhadores da cidade.

A paisagem era constituída de um grande número de trabalhadores imigrantes alemães (Mattar, 2001) vindos da zona colonial. Esse ritmo temporal era notável principalmente na virada do século XX nas suas primeiras décadas - por isso, o antigo Caminho Novo era popularmente conhecido como a “rua dos alemães”. Esses movimentos de ocupação se tornaram fundamentais para o “desenvolvimento” da região, já que isso exigiu melhoramentos urbanísticos devido ao aumento populacional.

Aqui na Voluntários da Pátria, era uma região de depósitos, de ‘secos e molhados’, tudo que era produzido nas roças vinha pra cá, tinha venda de produtos coloniais na Rua Conceição... algumas grandes indústrias, como Cofres Berta. Tinha também o comércio do Joaquim Oliveira, na imediação da Ernesto Alves, os primeiros supermercados montados em Porto Alegre foram dele, era de secos e molhados...ah, tinha também da família Mentz, da família Ritter, onde é o hotel Ritter. O Comercial Sogenalda, do lado do hotel Ritter e também o ferro velho do Jacô.

O Trem na Rua Conceição dobrava até a Rodoviária, a antiga rodoviária que ficava na Conceição, isso mais ou menos em 1960... O trem foi importante até 60, ligava o cais do Porto, levava cargas pela região. O Brasil adotou o modelo americano de trens e rodovias, isso com o Getúlio, daí o trem foi sucateado, e o transporte de cargas foi transferido pra Rio Grande, o Porto e o trem.

O trem era lento, o ônibus ganhou da concorrência, a Rodoviária se tornou pequena e não comportava a quantidade de ônibus, foi necessário fazer uma nova rodoviária que mudou o conceito da região. Foi feito com a nova Rodoviária um complexo de ruas novas e avenidas novas, o Viaduto da Conceição, a obra foi feita por paulistas, era uma tecnologia que ainda não tinha aqui.

A estação do trem depois foi transferida pra Voluntários da Pátria, onde hoje é a Secretária de Segurança, isso foi na época dos trens húngaros... daí a moda passou a

⁷ Trecho extraído do Guia Histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/ Prefeitura Municipal, 1992.

⁸ *Ibidem.*

ser ônibus e o cais do Porto foi desativado... Quando o trem parou, morreu ainda mais a rua, saíram os depósitos e indústrias... do Viaduto até a Ramiro morreu, dando lugar para bares e rendez-vous. Na época do governador Ildo Meneghetti, até fechou os rendez-vous a pedido de um bispo, o Dom Vicente Scherer... As moças vinham do interior expulsas de casa e a única opção delas era trabalhar nos rendez-vous, a Voluntários, o Centro, era mal falada, uma rua degradada ao extremo, deteriorada, isso por 1977 é nessa época mais ou menos que eu alugo uma parte aqui do prédio.

Na época do Olívio, o Bisol fez a transferência da Secretaria de Segurança pra cá, ninguém queria ir trabalhar na Voluntários da Pátria, os funcionários protestaram abraçando a sede que ficava na rua da praia, causou muito problema.

Hoje a cidade fica favorecida pela região geográfica e vai valorizando novamente com a duplicação da avenida... fizeram mal feito, né, não terminou, começa na Voluntários e vai até a Ramiro, é muito pequeno o trecho. A região tem 12 paróquias e 12 hotéis, a Voluntários ganhou vida com as religiões. Temos a Associação dos Empreendedores da Área da Rodoviária, com mais ou menos 35 pessoas nas reuniões, o presidente é o Ricardo Ritter, já conversamos com a arquiteta da Prefeitura e ela diz que tem muita obra pública na região, mas a rua não reagiu. Como se explica isso? Para nos empreendedores é a fama da rua!

(Entrevista com Guido, 6 de dez. 2017)

Narrar é interagir no mundo social

Acompanhei, por meio da história de vida de Guido, as transformações do espaço urbano (Bosi, 2003:73). Nas suas memórias, percebi o esforço da “produção de um sentido que relacione o indivíduo à coletividade, que situe o urbano no social, que mapeie as ações de sujeitos na cidade a valores éticos que embasam seus projetos de vida e suas formas de interagir no mundo social.” (Eckert; Rocha; 2013a). Os conflitos, por sua vez, também apareceram na narrativa, já que eles iam se moldando à medida que esse sujeito jogava o social na vida urbana (Simmel, 1934).

Percebi que a fisionomia do bairro se humanizou (Bosi, 2003). Na etnografia com Guido, vi que nossa relação com a memória coletiva dessa região é constituída por diferentes épocas que nem sequer chegamos a viver. Trazer esses fragmentos narrativos é uma tentativa de acomodar outras camadas de tempo para confrontar a “história oficial” da cidade de Porto Alegre. Nesse sentido, Pierre Nora nos provoca:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente...A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (Nora, 2013:9)

Fachada e fragmento



O Hotel Rodoviária

— Seu Guido, qual é o melhor hotel da cidade de Porto Alegre pra você?

— O Hotel Continental, com certeza. Depois, o segundo melhor é o Hotel São Rafael, na Alberto Bins... Os hotéis classe A da cidade ficam no Moinhos de Vento, na Carlos Gomes... aqui embaixo é a plebe.

As cores são sempre as mesmas, penso assim que entro nesse prédio, no degrau outra vez, passando pela porta de madeira novamente... há ali a luz verde que graças aos vitrais das janelas da frente do hotel se faz presente, junto a outros pontos de luz, em variações de um amarelo quase sépia. Tudo isso provido pelo sol que atravessa essas janelas e portas insistentemente.

Estão ali a mesa redonda de trabalho, ao lado da recepção, e a escada em caracol recentemente instalada que leva para um cômodo no andar de cima. A parte de baixo ainda conta com um corredor gigantesco meio escuro na primeira à direita, com alguns quartos pelo caminho, até chegar no pátio de trás. Ainda no térreo, há a cozinha junto a uma grande sala de jantar, com mesas e cadeiras, além de sofás que se direcionam para a televisão.

As paredes são decoradas com pinturas e fotos antigas da cidade. Mas o que mais me chama atenção são os diversos mapas de Porto Alegre, de diversas épocas, que também decoram os ambientes. Alguns mapas estão riscados a caneta e têm anotações.

Subo as escadas para o segundo piso pelos degraus de azulejo azul e branco; lá está a maioria dos quartos. No corredor de cima, uma janela bem grande na parte da frente do prédio garante a iluminação, na parte de trás uma basculante com um desenho de cisne em vitral promove uma iluminação amena, levemente verde.

Ainda há mais uma escada de madeira, pequena. Ela leva para um terceiro piso onde se pode ter acesso a um ou dois quartos. Há pouca iluminação nesse caminho, então não me lembro ao certo quantos quartos são.

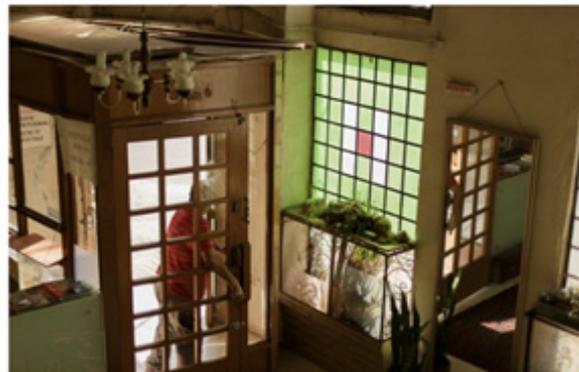
O pátio que havia mencionado antes, aberto, conta com uma área que possibilita guardar carros, e em meio aos muitos varais existem alguns quartos desativados.

(Diário de campo, 6 de dez. 2017)

Muitas histórias foram rememoradas por Guido e, por isso, compus diferentes narrativas fragmentadas a fim de construir um sentido. Evoquei essas imagens poéticas para fazer emergir outras imagens da nossa consciência. Nesse sentido, para Bachelard (1978), é pelo espaço que encontramos os “belos fósseis de uma duração concretizada em longos estágios”, ou seja, quanto mais sólida a lembrança, mais espacializada ela é.

Esse é meu próximo convite a leitora depois de abertas as portas deste hotel: vou, pelas imagens, localizar os espaços de intimidade.

Abrindo as portas



Manter como era antigamente: fachada e reformas

A fachada do prédio do hotel é tombada... O resto, se conseguir licença, não se consegue alvará para qualquer mudança no terreno [...] Esse prédio aqui tem quase 100 anos, e eu estou aqui há uns 40 anos e fiz bastante adaptação, fiz bastante reforminhas pequenas, melhorei o prédio, nós fizemos círculos de concreto pra melhorar ele, para estrutura dele ser mais estável, não prejudicamos nada, nós só melhoramos o prédio e adaptamos ele pra um hotel de gente comum, gente boa, gente trabalhadora, pro trabalhador. E cuidamos bem da nossa fachada até hoje, deixamos ela inteirinha, original, pintamos, melhoramos ela no que tinha de defeito, rachadurinha pequena, fizemos tudo para conservar o prédio, que o meu interesse é manter ele como era antigamente [...]. (Entrevista com Guido, 20 de dez. de 2017)

O curtume

[...] Aqui já foi depósito, já foi um curtimento, porque ele tinha 140 e pouco metros, o terreno, tinha tanques de couro no pátio, naquela região dos fundos e aqui embaixo era depósito e algo ligado a curtume, mas isso foi fechado porque curtume dá mau cheiro, então à medida que a cidade cresceu fecharam o curtume, e na parte superior eram duas economias, duas famílias moravam, eram muito confortáveis, eram muito bem feitas, muito bem divididas, e todo material de cima, as divisórias eram de estuque, isso hoje seria tão caro que não compensaria mais fazer [...] Conheci pessoas que conheceram o curtume e foi até 1920 mais ou menos, cheirava muito forte, um odor muito forte... Na parte das duas residências, depois tiveram vários tipos de depósitos, principalmente de açúcar. E antes de eu comprar o prédio era uma espécie de oficina que não vingava... Pra lá do pátio, teve marcenaria, desmanche de carros... (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

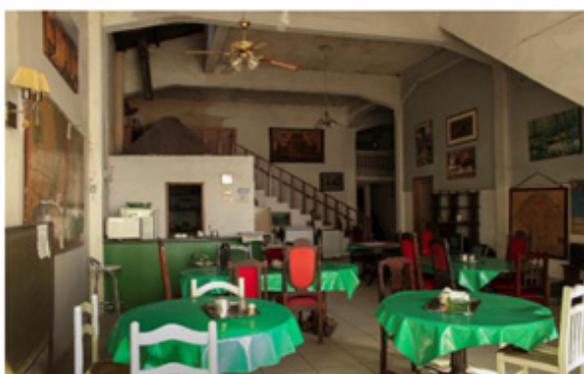
A compra do prédio

[...] Comprei o prédio de um comerciante de café, de Santo Ângelo, família Muller, algo assim... Vendi tudo o que tinha na época pra comprar o prédio, casa, chácara, parte em uma cerâmica... Na época eram 11 milhões, hoje eu não sei quanto seria, mas sei em saca de soja, dei 6 milhões de entrada, depois vendi uma parte do terreno lá do fundo pra um português e fiquei com o resto.. Foi em 87 a compra do hotel, ficou muito barato na época, daí comprei! (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

O prédio e as portas

[...] Onde é uma barbearia hoje, antes era uma cromagem, niquelagem... Eles faliram como faliu o mercado de vela, ninguém usava mais... Essa parte (aponta para a lateral do prédio na rua Ernesto Alves) tem bem mais de 100 anos, tinha esquadriha metálica ali, funilaria... foi construído antes da rua Ernesto Alves... Todas as construções tinham muitas portas, aqui do lado tinham umas 10 portas, na frente do hotel tinham seis portas... Hoje quase não tem portas, por causa da segurança... O prédio fechado era dividido em quatro economias, aqui do outro lado (apontando pra cozinha/sala de jantar) era um bar que eu alugava...a parte de cima duas casas, depois viraram os quartos do hotel... Antigamente eu tinha quatro números diferentes de IPTU, atualmente só dois. (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

Entrar é estar nas coisas mínimas



Os rendez-vous

[...] O hotel aqui ele tá na minha mão há 40 anos, antes era um rendez-vous, e quando se subia essa escada aqui as moças estavam com longuinho transparente pra atrair os clientes, isso era assim na época, hoje não sei se isso ainda é moda na cidade, mas naquela época era [...].

E na lateral onde é nossa garagem, ali funcionava um outro, um motel, que era da Marion, o hotel Flor da Noite. Marion, ela era conhecida em Porto Alegre nos antigos tempos, tinha boate que é lá na Farrapos com a Ernesto Alves, vocês talvez não conhecem. E uma irmã dela, da Marion, possuía um motel aqui pra os clientes especiais e esse motel nós compramos e transformamos em garagem, fechamos esse motel... E ali faziam grandes festas na época, regadas a uísque estrangeiro, muita corrupção, muito convidado que tinha favores especiais, isso coisa dos antigos tempos. Hoje não conheço esse tipo de gente, muito policial corrupto na época fazia festa nessa região aqui e neste motel, as garrafas eram atiradas por cima do nosso muro e caíam dentro do pátio e muito tiro pra cima nas ocasiões especiais...”

— E o senhor tinha contato com a Marion?

“— Não. Somente com a irmã dela. Ela só não fechou aqui porque tinha muito pobre e eles não iam ter onde dormir, segundo ela...”

[...] Teve uma transposição de rendez-vous para hotel familiar quando aluguei a parte de cima aqui, mas ainda tinham os antigos clientes que estavam acostumados e voltavam para usar o hotel como rendez-vous...por muito tempo aconteceu isso... (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

Churrascaria Rodoferroviária

[...] Essa parte de baixo aqui foi churrascaria e restaurante no início, por mais ou menos dois anos, depois eu fechei e se juntou ao hotel e fiz uma coisa só...” (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

O trem

[...] Por baixo aqui do prédio, tá cheio de trilhos... Entravam aqui vagões fabricados na Inglaterra... Se entrava aqui com o couro, tinha uma porta larga pra entrar o vagão... (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

E quem se hospeda no hotel hoje?

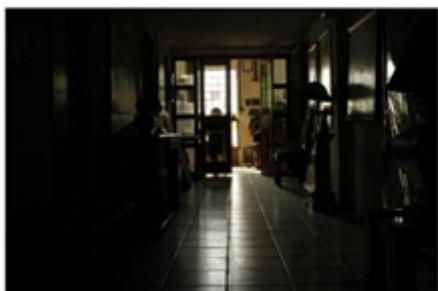
Nós estamos aqui há 40 anos, primeiramente o hotel era de gente desempregada, os que frequentavam praticamente a rua em busca de empregos, conveniado com o Estado em várias gestões de governador, nós hospedávamos pessoas de rua [...]

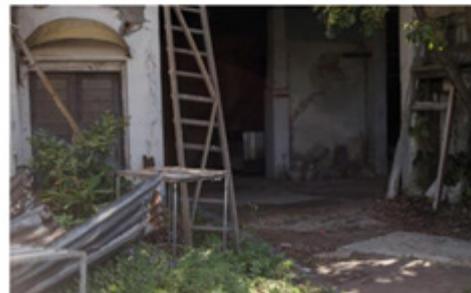
[...] Agora aqui se hospedam trabalhadores de um nível médio, que ganham entre dois e três mil... pessoas sem curso superior, estão no nível de contador, pedreiro, carpinteiro, ligado também já ao computador, é um nível bom, saudável, pessoas que pensam que vão ficar ricas, ainda têm esperanças, mas não vão ser, mas eles pensam. Nossa frequência é boa, o hotel é bem frequentado, ele tem uma tradição boa, recebemos quase só ex-hóspedes, antigos hóspedes... (Entrevista com Guido, 20 de dez. 2017)

Caminhos e quartos



Os rastros: um hotel que conta sua história em marcas





Figurar o fim: permanecer

Neste artigo, a proposta de caminhar pelas histórias de Guido e do Hotel Rodoviária como se caminha em uma etnografia de rua com a câmera na mão não é à toa, pois a própria pesquisa em sua metodologia começa por ela. As fotoetnografias compuseram as cenas e o próprio campo etnográfico, produzindo outros sentidos e outras narrativas. Assim, a etnografia da duração aliada à etnografia visual deu o tom aos múltiplos tempos que constituíram a pesquisa de campo às lembranças de seu Guido. Afinal, são os “fluxos desses itinerários urbanos e das formas de sociabilidades, das intrigas e dos dramas que configuram o teatro da vida cidadina” (Eckert; Rocha, 2013b:221). Por isso, as narrativas das intervenções urbanas que surgiram através da trajetória social do meu parceiro dessa etnografia, tema que considero central para versar sobre a memória coletiva (Halbwachs, 1990) dessa região da cidade de Porto Alegre são tão importantes.

Ao trazer as fotografias do interior do hotel, meu intuito foi compartilhar essa experiência de cidade pelo cotidiano. Estar dentro do hotel é também estar na cidade de outros tempos, percebendo os detalhes, os vestígios nas imagens, a ação do tempo em sua duração. Espero que essa composição aqui criada também tenha reverberado (Bachelard, 1990) para a leitora.

Dedico esse artigo a Guido, um grande narrador da cidade. Um homem de muita generosidade ao compartilhar sua vida e as experiências na/da urbe comigo. Sua passagem foi fundamental tanto para a pesquisa quanto para a vida da pesquisadora. Sou grata pelo encontro! Que meu velho amigo esteja em paz e suas memórias permaneçam.

Lista de autoria das Imagens

Mosaico 1 - Título “Seu Guido”: Camila Braz da Silva

Mosaico 2 - Título “Fachada e fragmento”: Camila Braz da Silva
Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha | Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva

Mosaico 3 - Título “ Abrindo as portas”: Camila Braz da Silva

Mosaico 4 - Título “ Entrar é estar nas coisas mínimas”: :Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva Camila Braz da Silva | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha

Mosaico 5 - Título “ Caminhos e quartos”: Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha

Mosaico 6 - Título “Os rastros: um hotel que conta sua história em marcas”: Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha
Camila Braz da Silva | Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha | Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva

Mosaico 6 - Título “Os rastros: um hotel que conta sua história em marcas” parte 2:
Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha
Camila Braz da Silva
Camila Braz da Silva | Camila Braz da Silva

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luís Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca. 1997.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Editora Ática. 1988.

CALVINHO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. In: Koury, Mauro G. P. (Org.) *Imagem e Memória: Ensaio de Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 19-40.

_____. *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013a.

_____. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013b.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença. 1989.

MATTAR, Leila Nesralla. *Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930)*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, BR-RS, 2001.

LEROI-GOURHAN, Andre. *Le Geste et La Parole*. Vol. I e II. Paris: Albin Michel. 1964.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Fontes, 1987.

VELHO, G. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Recebido: 31/05/2020

Aprovado: 04/09/2020